

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SULCATARIINENSE – UNESC
CURSO DE PSICOLOGIA

THIAGO DALLÓ DAMINELLI

**A NECESSIDADE MODERNA EM UM ESTUDO ANALÍTICO NA PERSPECTIVA
MITOLÓGICA DA DEUSA ANANQUE**

CRICIÚMA

2020

THIAGO DALLÓ DAMINELLI

**A NECESSIDADE MODERNA EM UM ESTUDO ANALÍTICO NA PERSPECTIVA
MITOLÓGICA DA DEUSA ANANQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção de grau de Bacharel no curso de
Psicologia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.
Orientadora: Janine Moreira

CRICIÚMA

2020

**A NECESSIDADE MODERNA EM UM ESTUDO ANALÍTICO NA PERSPECTIVA
MITOLÓGICA DA DEUSA ANANQUE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção de grau de Bacharel no curso de
Psicologia da Universidade do Extremo Sul
Catarinense, UNESC.
Orientadora: Janine Moreira

Criciúma, 07 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Psicóloga Janine Moreira – Orientadora

Profª Psicóloga Anita Mussi

Psicóloga Érica Colombo Caetano

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu pai, Sergio Augusto Daminelli, e minha mãe Rosa Maria Dalló Daminelli, que sempre estiveram do meu lado e me apoiaram muito na minha caminhada; aos meus irmãos, por serem os seres de maior importância na minha vida; a minha noiva Liliane que me inspirou e incentivou mais do que qualquer pessoa e que sem ela esse trabalho não teria sido possível; aos professores da Unesc, que deixaram todos em mim uma marca; à minha orientadora, pelo direcionamento e paciência; enfim, a todos que me incentivaram para concluir meu curso, com dedicação e compromisso.

“Foi o tempo que perdi com a minha rosa que a fez tão importante.”

Antoine de Saint-Exupéry

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 Objeto de estudo	8
1.2 Metodologia	11
2. REGRAS DE SUBMISSÃO DE ARTIGO DA REVISTA	13
3. ARTIGO	15

1 INTRODUÇÃO

1.1 Objeto de estudo

Se há algo que a psicologia como ciência busca entender, e se caracteriza por ser uma das maiores questões da humanidade, podemos dizer que é a busca do sentido da vida. Não ousaria aqui responder essa complexa questão, porém, gostaria de, neste trabalho, direcionar o olhar para outra particularidade da vida, o sofrimento humano, e refletir sobre sua conexão com o que significamos com o termo “necessidade”. A necessidade conjectura com essa busca, essa direção que nos faz viajantes de um caminho chamado vida. Em vários lugares dessa busca encontramos felicidade e sofrimento, porém, também vários outros pares de opostos que acabam por nos orientar para um centro pessoal, uma unidade e uma realização de totalidade.

Ao longo desse tempo de vida, encontramos e lidamos com desafios relativos ao próprio tempo vivido e que não aconteciam, ou eram experienciados de formas diferentes, em outras épocas. As necessidades são modos de lidar com a realidade, que precisam ser vistas e instrumentalizadas de maneiras diferentes. São um modo de lidar com o contato com símbolos exteriores e interiores. Um exemplo é que, com o advento da tecnologia, houve aumento nas relações e comunicações. De modo que, com o telefone com fio, antigamente, ao recebermos uma chamada telefônica, éramos reféns da incerteza de saber quem estava tentando entrar em comunicação do outro lado da linha. Não sabíamos quem estava entrando em contato, e também não sabíamos o assunto sobre o qual seríamos abordados. Atualmente, em virtude dos avanços tecnológicos, temos pleno conhecimento de quem está tentando falar conosco e, às vezes, por meio de aplicativos de telefone celular, sabemos qual o assunto, se queremos ou não responder o assunto e quando iremos responder. Esse exemplo da relação entre o tempo e a escolha colabora para que haja uma ânsia que não podia ser experimentada antes, isso era algo inexistente. Esse pequeno exemplo é um recorte do que está acontecendo atualmente, ficamos escravizados a uma pulsão imoderada da ilusão do controle do tempo.

Assim, a necessidade gera uma mudança na cultura de cada época. Cada vez que somos tocados por uma necessidade que gera sofrimento, ou por um problema

que não parece ter saída rápida, há uma possibilidade de saída que precisa ser reconhecida.

Desde a antiguidade, os poetas, os filósofos, tanto no ocidente como no oriente, tentaram dar uma resposta a essa dinâmica de necessidade e tempo. O modo e o porquê de isso impactar o ser humano a ponto de lhe causar sofrimento. De maneira que se percebe o quanto isso é inevitável, é uma contingência que depende às vezes da cultura, às vezes da condição psicológica pessoal e, por outras vezes, de ambas. Do dentro e o de fora.

Há de se crer que, desde que temos registros culturais, há também o registro acerca de uma condição dolorosa na existência. As religiões tentaram dar uma explicação para isso; o cristianismo, por exemplo, que é uma das bases da consciência coletiva ocidental, tem um posicionamento muito claro sobre o sofrimento e a origem do sofrimento no pecado original. Outras religiões têm versões diferentes, mas mesmo em uma religião como o hinduísmo, que é de base panteísta, o sofrimento existe por causa dos deuses.

Ananke, deusa mitológica, assim como todas as crenças mitológicas para as quais seus deuses representavam algum imaginário humano relacionado às mais diversas questões, a Deusa Ananke representava a necessidade e suas variadas implicações para a busca do sentido da vida; essa busca implicando em dor e sofrimento consequentes da ilusão do controle do tempo, palco cuja vida se desenvolve e manifesta suas múltiplas faces.

O tempo como entendimento mitológico era representado, por sua vez, na figura de Chronos, simbolizando o tempo inefável e controlador, assim sendo, era aspirado pelos demais deuses, pois era tido como mestre de todas as possibilidades de controle da vida; gozava, assim, de extremo respeito, uma vez que sua personificação de tempo resultava em controle sobre as demais divindades.

Este estudo pretende discutir Ananke e sua relação com Chronos. Há um aspecto dessas divindades que provoca punição e sofrimento. Aqui não traremos a questão, talvez budista, do sofrimento como apego do ego às emoções, sendo que a superação do sofrimento seria a separação do ego a esse apego. Na nossa vida, na maneira que nós vivemos, o ego é nosso corpo psíquico, nossa realidade e nosso instrumento para lidar com essa busca do sentido da vida. Não será aqui discutida a origem do sofrimento e não será feita uma síntese do que os grandes filósofos falaram ou até mesmo do que a bibliografia da psicologia falou até aqui. O foco deste trabalho

é a busca por entendimento, ou uma descrição deste relacionamento sutil entre necessidade e tempo e como ele é experienciado nos dias de hoje. O termo sutil aqui é a constatação da dificuldade em se observarem os efeitos dessa relação. Necessidade e tempo são interligados como opostos complementares, dessa forma, a instrumentalização de um acaba por desestabilizar o outro. A tentativa de controle de um, tanto de um modo maior ou menor, acaba por fazer o outro se impor na psique e, de algum jeito, o ocorrido faz gerar sofrimento. A tentativa de controlar o tempo, e tudo relativo a ele, ou deixá-lo solto, sem controle algum, faz com que as necessidades constelem de um modo mais ou menos intenso na psiquê.

Ananke, a deusa grega da necessidade, é uma imagem arquetípica e, sendo assim, regente de estruturas inconscientes que constelam tanto pelo espectro positivo quanto pelo negativo. Positivo no sentido de ser uma força motriz para a libido e fazer com que, regida por Hermes, o deus mensageiro, as necessidades sejam forças motrizes para que a libido flua e se produza alma. No sentido negativo, o enfoque é o da necessidade estrangular a libido e deixar a pessoa presa, sem movimento, em algum sofrimento decorrente da manipulação do tempo. Tempo e libido podem ser relacionados pela simples exposição de que existe uma tensão entre os opostos que gera energia. No tempo, a libido tanto pode ter uma ação regressiva, voltada para o passado quanto teleológica, direcionada para ao futuro. O tempo da libido é o tempo Kairós em oposição ao Chronos. Aquele que compreende todos os tempos: o presente, o passado e o futuro. No espaço a libido pode voltar-se para o sujeito na introversão ou para o mundo, na extroversão, ou para ambos na extroversão.

A relação entre necessidade e tempo na atualidade precisa de um novo modo de conciliação, não precisando ser, necessariamente, uma relação hostil, como vem se apresentando, principalmente no viés público. O problema é quando uma instância se torna extremamente unilateral e, nesta situação, acaba por negar a outra. Entendo por consciência a referência dos conteúdos psíquicos ao eu, enquanto assim for entendida pelo eu. Já alma seria um complexo determinado e limitado de funções que pode ser melhor caracterizada, nos dias atuais, como personalidade. Nessa relação, não é a consciência que fala para a alma que ela sofre, e sim a alma que fala para a consciência sobre o seu sofrimento e por quais caminhos ela anda e de que modo essa relação gera dor.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é problematizar o olhar sobre a relação tempo e necessidade e a maneira como hoje nós instrumentalizamos o tempo e de

que modo a necessidade responde a essa instrumentalização como uma forma de sofrimento.

Para tanto, esse estudo se caracteriza pelo viés de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, de caráter exploratório. A análise teórica se fundamentou a partir da compreensão de dois autores: a perspectiva analítica junguiana na intersecção da compreensão de necessidade em Ananke abordada por James Hillman. Desse modo, Jung ressalta a importância da interdisciplinaridade e da observação mitológica de comportamentos a partir de uma visão menos específica da psiquê.

1.2 Metodologia

Na metodologia, é apresentado o processo seguido no planejamento, execução e comunicação dos resultados da pesquisa. De acordo com Cervo et al. (2007), “entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade”. Para completar tal afirmação, Zanella (2007) diz que esse conjunto de processos é necessário para alcançar os fins de um estudo.

Deste modo, este item contempla o delineamento da pesquisa e as técnicas de coleta e análise de dados. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, exploratória, bibliográfica. Previamente foram escolhidos os autores a serem contemplados no presente trabalho, em seguida suas obras foram eleitas como as fontes de informações para comporem o referencial teórico aqui explorado.

A primeira pergunta que foi feita é por que essa pesquisa deve ser realizada. Existe realmente a necessidade de uma pesquisa nesta área? Se assim for, que tipo de pesquisa seria a mais útil e daria a maior contribuição? De consideração, também foi verificada qual audiência provavelmente estaria interessada neste tema.

Conduzir uma pesquisa é um trabalho árduo, por isso o tema deve ser aquele que é de interesse do autor, assim como deve interessar o leitor. Uma ação importante foi escanear a área como um primeiro passo para dar conta das produções existentes no tema a ser abordado, avaliar o número de estudos que deveriam ser lidos, e ajudar a definir o objeto de estudo.

Utilizou-se a modalidade de pesquisa bibliográfica, valendo-se do instrumento de coleta de dados realizado em fontes secundárias cujos conteúdos compõem o desenvolvimento de toda a proposta do presente trabalho, onde foram utilizados principalmente livros dos autores citados, artigos científicos, dando preferência aos

publicados em revistas, e pouco utilizou-se de obras da internet como *sites* de jornais ou publicações em geral, por considerar que aí existiam informações superficiais acerca da problemática que seria abordada, resultando em um entendimento incompleto e, por muitas vezes, raso dos tópicos aqui presentes.

Independentemente de que abordagem foi usada para conduzir a pesquisa, é perceptível que uma série de etapas foram utilizadas e decisões tomadas para criar um estudo que atendesse a todos os requisitos necessários para uma pesquisa científica, mas também que satisfizessem meus critérios de qualidade, afinal, essa obra estará sempre associada ao meu nome, sendo assim compreendido por mim como um legado e contribuição à comunidade acadêmica.

A seguir, podemos então dar continuidade com os resultados e com as discussões que foram possíveis a partir das profundas reflexões que se deram durante as leituras para a escrita deste trabalho. Sequencialmente, abordaremos uma discussão sobre a Psicologia Analítica e o caminho percorrido até se fundir com a Psicologia Arquetípica; em seguida, falaremos sobre os Mitos e suas implicações nos dias de hoje acerca do que entende-se sobre arquétipos dentro da perspectiva da psicologia, explorando pontualmente a deusa Ananke e Chronos com a dualidade de necessidade e tempo, respectivamente, e à luz de seus conceitos mitológicos para a atualidade, numa perspectiva analítica, explorando alguns novos conceitos da psicologia analítica e suas derivações para o estudo do inconsciente. Concluímos a proposta com um fechamento das ideias aqui exploradas e levantando algumas críticas, visando maior contribuição para o estudo das abordagens aqui conceituadas e defendidas na comunidade acadêmica.



Normas de Submissão de Artigos

O artigo deverá ser enviado em arquivos WORD, (não envie em pdf) para editores@ajb.org.br

Os artigos devem conter no máximo 8 mil palavras ou 50 mil caracteres com espaço.

Sinopses em português, inglês e espanhol de no mínimo 100 e máximo 180 palavras e cinco palavras chave nos três idiomas.

Folha de rosto com mini currículo e dados para correspondência, incluindo telefone celular e e-mail para resposta.

Autorização para publicação em folha separada, datada e assinada.

Corpo do texto: Times New Roman 12, espaço duplo, sem formatação exceto parágrafo. Títulos e subtítulos em negrito, títulos de obras publicadas e palavras em idioma estrangeiro em itálico. A palavra Self em maiúsculo e itálico; bem como em itálico as palavras anima, animus e persona. Utilizar sempre minúsculas para termos da psicologia como ego, psicologia analítica, sombra, arquétipo, etc.

Citações literais de outros autores até três linhas devem aparecer entre aspas (“”) no corpo do texto finalizando a citação com (sobre nome do autor, ano da publicação e página da citação) – entre parêntesis. No caso das Obras Completas de Jung, em lugar da página citar o parágrafo.

Citações literais de outros autores com mais de três linhas devem-se mudar de parágrafo, fazer recuo da margem esquerda, o texto em fonte 11 e sem aspas. Ao final inserir entre parêntesis as referências do autor como explicado acima.

Não inserir nota de rodapé, qualquer nota deve constar ao final do texto.

Nas REFERÊNCIAS devem constar todos os autores mencionados no texto, em ordem alfabética, por sobrenome em maiúsculas e iniciais dos demais nomes, ano de publicação, título da obra em itálico, cidade e editora. Ex:

EDINGER, Edward F. (1989) *Ego e arquétipo*. São Paulo, Cultrix.

Mais detalhes podem ser observados nas Orientações aos autores para publicação nos números anteriores do Cadernos Junguianos.

A NECESSIDADE MODERNA EM UM ESTUDO ANALÍTICO NA PERSPECTIVA MITOLÓGICA DA DEUSA ANANQUE

Thiago Dalló Daminelli

RESUMO

O presente estudo trata da compreensão do fenômeno da necessidade e sua intersecção com o tempo, como elemento correlato ao sofrimento humano, na contemporaneidade. O objetivo desta pesquisa é problematizar o olhar sobre a relação tempo e necessidade e a maneira como hoje nós instrumentalizamos o tempo e de que modo a necessidade responde a essa instrumentalização como uma forma de sofrimento. A discussão aqui relatada é acerca da coletividade da mente humana a partir das proposições discursivas do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung e do psicólogo americano James Hillman. A pesquisa se caracterizou como qualitativa, exploratória e bibliográfica. O presente estudo trata da compreensão do fenômeno da necessidade e sua intersecção com o tempo, como elemento correlato ao sofrimento humano, na contemporaneidade. A problemática busca reflexões frente à perspectiva mitológica da deusa Ananque, como símbolo da necessidade, fazendo uma leitura em paralelo à ótica arquetípica, fundamentada em princípios abordados na psicologia analítica Junguiana.

Palavras-Chave: Arquétipo, Ananque, Ansiedade, Sofrimento humano, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

This study deals with the understanding of the phenomenon of necessity and its intersection with time, as an element related to human suffering, in contemporary times. The objective of this research is to problematize the view on the relationship between time and need and the way in which today we instrumentalize time and how the need responds to this instrumentalization as a form of suffering. The discussion reported here is about the collectivity of the human mind based on the discursive propositions of the Swiss psychiatrist Carl Gustav Jung and the American psychologist James Hillman. The research was characterized as qualitative, exploratory and bibliographic. This study deals with the understanding of the phenomenon of necessity and its intersection with time, as an element related to human suffering, in contemporary times. The problem seeks reflections in the face of the mythological perspective of the goddess Ananque, as a symbol of necessity, reading in parallel to the archetypal perspective, based on principles addressed in Jungian analytical psychology.

Keywords: *Archetype, Ananque, Anxiety, Human suffering, Analytical Psychology.*

RESUMEN

Este estudio aborda la comprensión del fenómeno de la necesidad y su intersección con el tiempo, como un elemento relacionado con el sufrimiento humano, en los tiempos contemporáneos. El objetivo de esta investigación es problematizar la mirada sobre la relación entre el tiempo y la necesidad y la forma en que hoy instrumentalizamos el tiempo y cómo la

necesidad responde a esta instrumentalización como una forma de sufrimiento. La discusión que se informa aquí es sobre la colectividad de la mente humana basada en las proposiciones discursivas del psiquiatra suizo Carl Gustav Jung y el psicólogo estadounidense James Hillman. La investigación se caracterizó como cualitativa, exploratoria y bibliográfica. Este estudio aborda la comprensión del fenómeno de la necesidad y su intersección con el tiempo, como un elemento relacionado con el sufrimiento humano, en los tiempos contemporáneos. El problema busca reflexiones frente a la perspectiva mitológica de la diosa Ananke, como símbolo de necesidad, leyendo en paralelo a la perspectiva arquetípica, basada en principios abordados en la psicología analítica junguiana.

Palabras clave: Arquetipo, Ananke, Ansiedad, Sufrimiento humano, Psicología Analítica.

1. INTRODUÇÃO

Se há algo que a psicologia analítica busca, e se caracteriza por ser uma das maiores questões da humanidade, é esclarecer a questão da busca do sentido da vida. Não ousaria aqui responder essa complexa questão, porém, gostaria de, neste trabalho, direcionar o olhar para outra particularidade da vida, o sofrimento humano, e refletir sobre sua conexão com o que significamos com o termo “necessidade”. A necessidade conjectura com essa busca, essa direção que nos faz viajantes de um caminho chamado vida. Em vários lugares dessa busca encontramos felicidade e sofrimento, porém, também vários outros pares de opostos que acabam por nos orientar para um centro pessoal, uma unidade e uma realização de totalidade.

Ao longo desse tempo de vida, encontramos e lidamos com desafios relativos ao próprio tempo vivido e que não aconteciam, ou eram experienciados de formas diferentes, em outras épocas. As necessidades são modos de lidar com a realidade, que precisam ser vistas e instrumentalizadas de maneiras diferentes. São um modo de lidar com o contato com símbolos exteriores e interiores. Um exemplo é que, com o advento da tecnologia, houve aumento nas relações e comunicações. De modo que, com o telefone com fio, antigamente, ao recebermos uma chamada telefônica, éramos reféns da incerteza de saber quem estava tentando se comunicar conosco do outro lado da linha. Não sabíamos quem estava entrando em contato conosco, e também não sabíamos o assunto sobre o qual seríamos abordados. Atualmente, em

virtude dos avanços tecnológicos, temos pleno conhecimento de quem está tentando falar conosco e, às vezes, por meio de aplicativos de telefone celular, sabemos qual o assunto e se queremos ou não responder o assunto, e quando iremos responder. Essa relação com o tempo e a escolha colabora para um nível de ansiedade que não podia ser experimentado antes, e que até mesmo podemos dizer que era inexistente. Atualmente, ficamos escravizados a uma pulsão imoderada da ilusão do controle do tempo.

Assim, a necessidade gera uma mudança na cultura de cada época. Cada vez que somos tocados por uma necessidade que gera sofrimento, ou por um problema que não parece ter saída rápida, há uma possibilidade de saída que precisa ser reconhecida. Desde a antiguidade, os poetas, os filósofos, tanto no ocidente como no oriente, tentaram dar uma resposta a essa dinâmica de necessidade e tempo, e o modo e o porquê de isso impactar no ser humano a ponto de lhe causar sofrimento. De maneira que se percebe o quanto isso é inevitável, é uma contingência que depende às vezes da cultura, às vezes da condição psicológica pessoal e, por outras vezes, de ambas.

Há de se crer que, desde que temos registros culturais, há também o registro acerca de uma condição dolorosa na existência. As religiões tentaram dar uma explicação para isso; o cristianismo, por exemplo, que é uma das bases da consciência coletiva ocidental, tem um posicionamento muito claro sobre o sofrimento e a origem do sofrimento no pecado original. Outras religiões têm versões diferentes, mas mesmo em uma religião como o hinduísmo, que é de base panteísta, o sofrimento existe por causa dos deuses.

Ananke, deusa mitológica, assim como todas as crenças mitológicas onde seus deuses representavam algum imaginário humano relacionado às mais diversas questões, a Deusa Ananke representava a necessidade e suas variadas implicações para a busca do sentido da vida; essa busca implicando em dor e sofrimento consequentes da ilusão do controle do tempo, palco cuja vida se desenvolve e manifesta suas múltiplas faces.

O tempo como entendimento mitológico era representado, por sua vez, na figura de Chronos, simbolizando o controle do destino e, assim sendo, era aspirado pelos demais deuses, pois era tido como mestre de todas as possibilidades de controle da vida; gozava, assim, de extremo respeito, uma vez que sua personificação de tempo resultava em controle sobre as demais divindades.

Este estudo pretende discutir Ananke e sua relação com Chronos. Há um aspecto dessas divindades que provoca punição e sofrimento. Aqui não traremos a questão, talvez budista, do sofrimento como apego do ego às emoções, sendo que a superação do sofrimento seria a separação do ego a esse apego. Na nossa vida, na maneira que nós vivemos, o ego é nosso corpo psíquico, nossa realidade e nosso instrumento para lidar com essa busca do sentido da vida. Não será aqui discutida a origem do sofrimento e não será feita uma síntese do que os grandes filósofos falaram ou até mesmo do que a bibliografia da psicologia falou até aqui. O foco deste trabalho é a busca por entendimento, ou uma descrição deste relacionamento sutil entre necessidade e tempo e como ele é experienciado nos dias de hoje. O termo sutil aqui é a constatação da dificuldade em se observarem os efeitos dessa relação. Necessidade e tempo são interligados como opostos complementares, dessa forma, a instrumentalização de um acaba por desestabilizar o outro. A tentativa de controle de um, tanto de um modo maior ou menor, acaba por fazer o outro se impor na psiquê e, de algum jeito, o ocorrido faz gerar sofrimento. A tentativa de controlar o tempo, e tudo relativo a ele, ou deixá-lo solto, sem controle algum, faz com que as necessidades constelem de um modo mais ou menos intenso na psiquê.

Ananke, a deusa grega da necessidade, é uma imagem arquetípica e, sendo assim, regente de estruturas inconscientes que constelam tanto pelo espectro positivo quanto pelo negativo. Positivo no sentido de ser uma força motriz para a libido e fazer com que, regida por Hermes, o deus mensageiro, as necessidades sejam forças motrizes para que a libido flua e se produza alma. No sentido negativo, o enfoque é o da necessidade estrangular a libido e deixar

a pessoa presa, sem movimento, em algum sofrimento decorrente da manipulação do tempo. A libido na psicologia analítica é a energia psíquica que não limita apenas ao campo sexual, ela engloba outros aspectos da vida (fome, sexo, emoções, etc.) e se manifesta de modo inconsciente e conscientemente através de esforços, desejos e determinações que levem em consideração a vontade do indivíduo (JUNG, 2013).

2. SOBRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA: DOS FRAGMENTOS HISTÓRICOS À PSICOLOGIA ARQUETÍPICA

Diante da inquietação científica do fim do século XIX e início do século XX, as concepções de homem e de mundo foram amplificadas e potencializadas a partir de concepções filosóficas e, conseqüentemente, fragmentadas e hiper focalizadas a partir das diversas teorias daí advindas. A partir do nascimento da psicologia do inconsciente, enquanto concepção de uma psicanálise, nascem diversas correntes, as quais se dedicam à exploração não apenas do inconsciente enquanto território intocado, mas às nuances da sociedade, pensando o sujeito e a cultura na sociedade contemporânea.

A psicologia analítica, uma das vertentes dissidentes da psicanálise elaborada por Sigmund Freud, é a abordagem psicológica fundada pelo psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustav Jung (1875-1961), considerado um dos grandes intelectuais de sua época e importante teórico da psicologia no que é alusivo à ampliação da compreensão psicológica do homem para além do mundo interno (HANNAH, 2003; SHAMDASANI, 2006).

O pensamento de Jung nos provoca e suscita importantes questões para reflexões contemporâneas, não se limitando à área da Psicologia. Sua teoria transcendeu o âmbito da psicoterapia e tem sido associada a outras áreas do conhecimento, tais como a própria Filosofia, Pedagogia, Sociologia, História, entre outras, atravessadas no futuro de seu tempo.

A construção da teoria de C. G. Jung se deu, em boa parte, por suas próprias vivências, misturando sua vida, história e suas experiências e metamorfoses, como revela em sua autobiografia *Memórias, sonhos e reflexões*, onde ele desvela aspectos inerentes às diversas culturas (JUNG, 2016). Muitas de suas experiências mais profundas foram descritas também no seu *Livro Vermelho* de modo, por vezes, poético. Contudo, foi através da materialização de suas experiências a partir da escrita de sua vida e obra que este autor se apresenta enquanto um divisor na construção da psicologia moderna (HANNAH, 2003).

Este olhar que parte de diversas culturas possibilitou a Jung uma compreensão ampla sobre a psiquê humana, isto é, embora partindo do centro comum psicanalítico e de termos provenientes da filosofia, da poesia e da alquimia, o autor elabora seus conceitos propiciando à comunidade acadêmica da Viena do século XX um contraponto crítico que se preocupa não apenas com a questão de um inconsciente comum, mas sim com aquilo que há de comum às culturas que, quando experienciado de diferentes formas, possibilita a qualidade singular de cada cultura (SHAMDASANI, 2006; JUNG, 2013).

A *psique*, para Jung, se trata de um complexo sistema que nunca descansa, e que dado seu caráter metamórfico, autorregulador e autônomo, se torna impossível de apreender a partir de um único ponto de vista. Acerca disso, é fundamental apresentarmos alguns dos conceitos mencionados. A respeito do *ego*, conforme citado, trata-se do centro da consciência e é responsável pela percepção ativa e passiva, isto é, é a via de entrada da percepção na mente humana (HALL, NORDBY, 2014). Por tratar-se do centro da consciência, é também a partir dele que os relacionamentos e as relações sociais estão atravessados. Partindo desta dinâmica relacional com o outro, Jung elabora o conceito de *persona*. Jung (2014) expõe que existem inicialmente duas possibilidades acerca do entendimento da *persona*, as quais variam de acordo com a contextualização ou configuração na qual o indivíduo está inserido. Uma perspectiva refere-se à *persona* pensada a partir de seu contexto etimológico, ou seja, como a máscara de

um ator, um interpretar de papéis cujo intuito é, de fato, adaptar-se às diferentes situações. Na outra perspectiva definiu-a como um segmento, mais ou menos arbitrário, da psique coletiva, desenvolvido com grande esforço e aparentando ser uma individualidade.

Há uma ligação entre a totalidade da personalidade e as relações sociais, numa espécie de atravessamento dialético, onde podemos então confirmar que há implicações diretas de um no outro, de mim para o mundo e vice-versa, deduzindo o caráter da alma referente ao caráter da *persona* (JUNG, 2016). As reflexões de Jung acerca da existência da alma e sua implicação psíquica se dá na definição de psiquê sendo a própria alma. Entende-se, portanto, a alma como um complexo funcional da psiquê, uma não está dissociada da outra, é o plano onde a consciência conversa com o inconsciente.

É ao experienciar estas condições que algumas *personas* vão sendo vividas sob a condição de *arquétipos*, imagens comuns a toda humanidade, as quais fazem parte do *inconsciente coletivo*. À medida que estas imagens, estes *arquétipos*, vão sendo experienciados, o sujeito vai carregando afetivamente esta mesma imagem, até o ponto em que torna-se um complexo, ou seja, deixa de ser apenas parte do arcabouço imagético da humanidade e torna-se também parte daquele sujeito na qualidade de *complexo* (JUNG, 2013, 2014; HALL, NORDBY, 2014).

Ao longo de suas obras, Jung (2013), ao perceber a similaridade do conceito de *ego* em diferentes culturas a partir de suas experiências em campo, em sua teoria teleológico-empírica se torna possível a compreensão de um inconsciente para além do pessoal, um inconsciente coletivo em relação ao qual tratou de introduzir uma nova possibilidade de pensar os sujeitos a partir de uma camada filogenética da qual seria possível pensar dimensões do sujeito a partir de figuras, imagens e cenários.

Esta mesma dimensão possibilita uma leitura dos dias de hoje, por exemplo, a partir de uma dimensão mitológica, isto é, como uma analogia que se dá a partir de mitos do mundo

todo, os quais atravessam a construção histórica, social e cultural das etnias espalhadas pelo mundo (BRANDÃO, 1986; JUNG, 2013, 2013). Logicamente, a fundamentação parte do entendimento de questões primárias da *psique* que é atravessada por esta mesma dimensão coletiva, o mito.

É a partir desta discussão acerca da dimensão coletiva do ser humano que surgem as primeiras elaborações intelectuais que caminharão para o que é tido hoje como psicologia arquetípica, isto é, uma ramificação da psicologia analítica junguiana que parte da discussão dos arquétipos. Isto se dá a partir das discussões entre Jung e um de seus pupilos mais notáveis, James Hillman, e o mitólogo Joseph Campbell, os quais, nas conferências em que participavam, elaboravam as primeiras concepções de uma nova linha psicológica (JUNG, 2016).

A apresentação de Hillman, a partir do olhar de Byington (1999), trata da experiência pessoal vivida a partir das conferências do próprio autor, o qual, embora tivesse posteriormente fundado uma nova linha psicológica, este se preocupava em elaborar sua vida simbólica a partir de uma crítica que visava avançar sobre a compreensão do ser humano, mesmo que desconsiderasse parcialmente o símbolo e tivesse uma permanência de foco na psique como imagem.

A hipótese arquetípica que parte de Hillman se baseia em uma mistura da já conhecida e famosa disputa de visões de mundo no confronto da proposta platônica e aristotélica. Ele privilegiava uma visão platônica, no sentido de formular o arquétipo como um padrão potencial inato de imaginação (imagem/ação), pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos os tempos e lugares como algo herdado, estoico (STEIN, 2006). Ao mesmo tempo, a observação empírica de comportamentos simbólicos do humano, e tentar definir a psiquê por meio dela, acaba delineando a psicologia arquetípica e suas elaborações com um princípio dualista de opostos complementares.

A lógica de Hillman apreende uma crítica direta à psicanálise freudiana enquanto redutiva diante das possibilidades de compreensão da condição humana arquetípica, e isto, de certa forma, também coloca essa questão direcionada à psicologia de Jung. Logicamente, não era esta a pretensão direta de Hillman diante das descobertas; por impulso do próprio Jung, as discussões tomaram maiores proporções (BARCELLOS, 2017).

Hillman passa a então trabalhar sua perspectiva a partir da análise das imagens arquetípicas enquanto fato-imagens, similaridades e passíveis de reconhecimento entre as bases mitológicas e as bases científicas para uma psicologia para além do próprio complexo, mas de ordem complexa e arquetípica, desvelando uma dança entre o simbólico e o humano (HILLMAN, 1992, 1997). Por isso a psicologia Hillmaniana, por vezes, é caracterizada por uma psicologia focada na concepção de imagem. Para condensar essa multiplicidade de imagens que a história humana produz de um modo subjetivo-objetivo são criados mitos. Esses mitos indicam alegorias do mundo real corporificadas em formas para a compreensão e assimilação. São conglomerados de conteúdos manifestos, latentes, subterfúgios das funções psíquicas e têm nos deuses os seus protagonistas.

3. UMA DISCUSSÃO SOBRE MITOLOGIA E ARQUÉTIPOS

Os gregos, devido a sua concepção de mundo, tiveram em sua expressão cosmogônica uma mitologia rica e foram expoentes na reflexão das condições humanas. Ananke é uma dessas representações. Segundo Nahas (2017), Ananke era reconhecida pelos gregos como a deusa da necessidade, inevitabilidade e a personificação do destino como fato inalterável. Na mitologia grega geralmente lemos referências que remetem às moiras, como responsáveis por tecerem o fio do destino, contudo, a determinação desse destino era tarefa única e exclusivamente exercida por Ananke que, por sua vez, é a mãe das moiras (NAHAS, 2017).

Ananke, assim como outras figuras mitológicas, tinha diversas representações, nas quais ora tomava forma de serpente, ora era uma mulher com uma tocha. De modo que, em sua história atribui-se a ela, junto com seu companheiro, a formação da curva que formou o universo, onde Chronos é a representatividade do tempo, e Ananke o símbolo do destino (NAHAS, 2017). A figura da deusa Ananke tem uma das representatividades mais fortes dentro da mitologia grega, embora não seja tão mencionada quanto as outras deusas, mas em sua simbologia, sua força era tão elementar, que sequer Zeus poderia questioná-la, posto que a inevitabilidade era sua essência, cumprindo, assim, a premissa de que seu poder regeria até mesmo os deuses (BRANDÃO, 1986).

Na psicologia arquetípica, os arquétipos são uma fonte primária de energia e padronização psíquica. São a fonte *a priori* e essencial de símbolos psíquicos, os quais atraem energia, estruturam-na e levam à criação de civilização e cultura. Eventos patologizados, então, participam do próprio arquétipo. São uma via para a experiência arquetípica. Por efeito, são uma necessidade de nossa vida (AKUA, 2019). Hillman (1980) afirma que a necessidade no pensamento mítico grego se expressa e é vivenciada de formas patologizadas e essas experiências geralmente se associam à Ananke (à Necessidade). A fim de propor um entendimento maior em relação à Ananke, a ordenação de alguns significados se pede presente. Na mitologia grega, Ananke em grego antigo *Ανάγκη*, está relacionada à ideia de angústia, restrição e necessidade (ETIMOLOGIAS, 2001).

Ananke é uma representação da necessidade como um enlaço. Essa noção nos remete a uma ligação a algo que está estreitamente unido, como relações familiares, por exemplo. Laço esse que limita as relações no reconhecimento do outro e, em contrapartida, no esforço de manter e nos livrar desse encoleiramento (ATSMA, 2000). Em *Alceste* de Eurípedes, Ananke se apresenta como a Grande Senhora (potnia) do Mundo Subterrâneo e, deste modo, uma regente que nos leva à observação de um princípio psíquico de atração inexorável de tudo para

si. Na cultura grega, Ananque não possui imagem ou altar em que se possa rezar (HILLMAN, 1997). A linguagem para se comunicar com Ananque são os remédios de Asclépio, o deus grego da medicina, e estes não existem. Ficava para sua irmã Panaceia, a deusa grega da cura, a administração dos mesmos (BRANDÃO, 1986).

A relevância de Ananque na literatura, ao longo da história, se mede através dos grandes autores que a citaram em alusão à sua representatividade. Assim, além dos gregos Ésquilo, em “Prometeu Acorrentado” e Platão em “A República”, Freud em o “Mal Estar da Civilização” também evocou a figura de Ananque para discorrer em suas narrativas (ATSMA, 2000).

Considerando a perspectiva de uma contemporaneidade que está intimamente alinhada à questão da necessidade, a compreensão de que existe uma condição arquetípica se torna ainda mais aproximada ao partirmos da ideia de que há uma realidade que liga tempos mitológicos e a contemporaneidade e que ainda exerce uma influência que não pode ser despercebida. Neste sentido, a psicologia arquetípica se apresenta como possibilidade de experimentação da realidade da qual vivemos não apenas como modo de compreensão, mas como possibilidade de olhar e de cuidar daquilo que provoca sofrimento psíquico.

A realidade na qual vivemos é atravessada por diferentes fontes de sofrimento, das quais, se partirmos de Hillman (1997), uma delas lida diretamente com a edificação de um arcabouço voltado para a necessidade, a precisão. Uma infundável busca por especificidades de conceitos para experiências. Isto pode ser exposto ao pensarmos sobre mecanismos de necessidade básicos dos quais partem os afetos e os sentimentos, perpassando pelas sensações, onde esses mecanismos são objetificados e, conseqüentemente, findando na necessidade polimorfa, ou seja, uma necessidade insaciável que, para Jung (2013c) e Hillman (2019), refere-se à natureza simbólica que detém não apenas uma, mas diversas formas que se dão através da experiência de cada sujeito.

A condição simbólica desta mesma necessidade se mostra atravessada pelo conceito do símbolo que, considerando sua etimologia, deriva do grego *symbolon*, que, em tradução livre, refere-se a algo que se faz reconhecer (KAST, 2013). A etimologia do conceito mostra que o símbolo é um adjetivo dado a algo que possui um ponto médio entre dois pontos de compreensão de algo, se dando, sobretudo, pela imagem empírica, ou seja, aquela com sentido atribuído culturalmente, e o outro ponto que parte da experiência pessoal do sujeito.

A natureza da psiquê trata de um problema epistemológico para além daquilo que fora proposto inicialmente por Freud enquanto “falta”, o que, por sua vez, nos convida a compreender melhor, a partir da psicologia arquetípica, como se engendra esta necessidade que está para além da falta. Ao tomarmos a perspectiva de Barcellos (2008), a questão da necessidade está intimamente ligada à ideia do ato de consumir, o que torna possível problematizar a ideia desta falta inominável de muitos nomes a partir da objetificação do desejo, seja ele material ou virtual.

Diante desta perspectiva, Ananke é figura chave para compreender de certo modo este modo de adoecimento a partir do aspecto arquetípico dos sujeitos. É importante frisar que os gregos foram expoentes na reflexão das condições humanas discutindo a natureza humana a partir das divindades. Ananke é uma dessas representações, que embora míticas e atravessadas por uma condição metafísica, estão intimamente conectadas, entrelaçadas à psique humana (BRANDÃO, 1986, BARCELLOS, 1999; HILLMAN, 1992; BARCELLOS, 2017). Para Parmênides, Ananke governa o “Ser”. A relação tempo e necessidade é imperativa e complementar, e se nos detivermos às necessidades do nosso tempo, elas se expressam com manifestações repetidas de estrangulamentos, angústias, pela exigência de nossas obrigações diárias e dos prazos. Quando controlamos e editamos nossas relações de ação e tempo, a constrição da necessidade surge de uma forma mais voraz. O contrário é a liberdade do controle

das ações no tempo, que é expressa em fantasias de disponibilidade de tempo e lazer como que isentas de patologias.

O antigo filósofo romano Cícero, que viveu um século antes de Cristo, fala do titã Cronos como a divindade que invejava o pai Urano, e que foi o único filho de Gaia que teve a coragem, de dentro do útero da mãe, de castrar o pai e jogar sua genitália ao mar. Esse Cronos foi por muito tempo confundido com o Chronos de enfoque neste artigo, o qual tem sua etimologia nos contos órficos e era a força devoradora e destrutiva do tempo, e por isso os gregos interpretavam os dois como quase sinônimos (CÍCERO, 2014). Cronos era uma alegoria ao pai devorador que comia seus filhos e Chronos um aspecto específico do tempo, que representava sua característica mais destrutiva, o tempo como o consumidor de todas as coisas. Os gregos antigos tinham três conceitos para o tempo: khrónos, kairós e aíôn. Khrónos refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, que pode ser medido, relacionado ao caminho linear das coisas presentes na terra, com um princípio e um fim. Kairós refere-se a um momento indeterminado no tempo, em que algo especial acontece, o tempo oportuno. Aíôn já era um tempo sagrado e eterno, sem uma medida precisa, a criatividade em forma de tempo, onde não existe hora cronológica e que, na teologia moderna, é o chamado tempo de Deus (CHRISTOU, 2019).

Lidar com as questões do sofrimento é, antes de qualquer definição, uma questão íntima, pessoal e intransferível, dado seu caráter simbólico. Conceitos como dor, aflição, angústia, desordem são os fundamentos para a criação da psicologia profunda, as abordagens psicanalíticas relacionadas com o fenômeno do inconsciente, quando transversalizam a dinâmica da psiquê frente à construção da psicologia. A psicologia profunda foi criada para o tratamento da psicologia da adaptação anormal. Para a psicologia arquetípica, a consciência é o testemunho dos nossos próprios sentimentos, pensamentos, intuições e sensações, e no centro existe o “eu” (SANT’ANNA, 2019).

O conhecimento é condicionado, então, pelas capacidades e limitações das experiências que se tornam conscientes. Considerando a via de entrada da experiência à psiquê, entende-se que “muito do que passa por ser conhecimento entre os seres humanos é, na realidade, após inspeção mais rigorosa e mais crítica, mero preconceito ou crença baseada em distorção, prevenção, boato, especulação ou pura fantasia” (STEIN, 2006, p.22). Em sua estrutura, embora a sua base seja relativamente inconsciente/psíquica/somática, o ego trata de uma expressão consciente por característica. É desenvolvido ao longo da vida do indivíduo e surge, a princípio, da colisão entre as relações corpóreas com o meio ambiente, e assim continua a, processualmente, se formar em virtude de sucessivas colisões com o mundo exterior e interior (STEIN, 2006). A essas colisões chamamos de conflitos, dificuldades, angústias, penas, sofrimentos e são os fatores que levam o ego a se desenvolver.

Neste sentido, é neste processo, que se revela que a evolução/desenvolvimento da terapia sempre advém quando se nomeiam as dores da alma, quando o sofrimento estingue o seu amorfismo e o sofrimento sem nome pode ser nomeado. A linguagem que não existe desponta o foco, o cerne em que o conflito se encontra tudo isto que revela que é preciso obter maneiras novas de expressão, ou até mesmo de experimentar essa dificuldade (PÁDUA, SERBENA, 2018). Esse sofrimento precisa ser experienciado por alguma via, pois o estado em que a pessoa se encontra sempre contém algo silenciado, deturpado, negado, racionalizado, submetido, machucado, doente, ferido, estrangulado. Todas essas representações do sofrimento psíquico são representações da colisão entre o ego fantasioso e a realidade empírica, isto é, a partir de Serbena (2010), Barcellos (2017) e Serbena (2018), a intenção do sofrimento parte da ideia de que há uma fantasia que colide com a realidade, e com isso, em meio a sensações e percepções, existe o sofrimento que se dá a partir das experiências resultantes dessas colisões.

A psicopatologia é entendida pela psicologia analítica como uma categoria de fatos psíquicos público ou privadamente declarados anormais, e que não podem ser plenamente

reprimidos, transformados ou aceitos (BYINGTON, 1987). Existem perspectivas diferentes do que é chamado de psicopatologia quando uma função superior dominante sufoca a inferior, na apresentação da infirmitas, no conflito que existe no eixo ego-*SELF* e também no conflito do consciente com o inconsciente, quando o ego não dispõe de energia psíquica o suficiente para que a vontade seja realizada pois a energia psíquica está retida em outro complexo. A proposta da relação inversa é um exemplo da ideia junguiana de arquétipo. Há um polo vermelho compulsivo e um azul imaginativo. Sem imagens, ficamos mais cegos e não identificamos a força que nos conduz. E como não existe a possibilidade de retirar da imagem carga de expressão que a mesma produz, a necessidade então, como paralelo, surge inerente à própria imagem (HILLMAN, 1997).

É imprescindível entender que, ao tratarmos o tema da psicopatologia a partir do viés analítico ou arquetípico de Jung ou Hillman, é fundamental compreender que as condições psíquicas não são definitivas em nenhuma das perspectivas, e com isto, a metamorfose passa a ser condição deste conceito a partir da psicologia analítica. Principalmente no sentido de reformular a ideia de que complexos que contêm muita energia retêm a libido presa neles e impossibilitam o fluxo dela para a consciência do ego. Tal perspectiva se revela também na concepção de que a normalidade não é uma meta a partir desta linha teórica, embora traga termos pertinentes como cura, melhora ou similares. Estas ideias são o “ponta pé” para uma releitura de uma psicologia que abandona o positivismo característico em outro momento histórico e inaugura uma concepção de psicologia humana que considera a natureza humana como ela é, mesmo diante de todas as teorias e todas as técnicas.

4. CONCLUSÃO

A concepção de um sofrimento provindo de atitudes inconscientes e que são expressos no coletivo está ofuscada, em nosso tempo, pela primazia de uma racionalidade controladora. Esse é um dos quesitos que faz com que a academia se afaste dos conceitos arquetípicos de Jung e reforça que ele seja tachado, na própria academia, como um místico. De modo que uma grande parte dos estudos recentes leva somente em consideração as bases biológicas para tentar explicar as atitudes do comportamento humano. Esses comportamentos são complexos, profundos e de difícil explicação. Pedraza, em seu livro *Hermes e seus Filhos*, relata um dos modos de se perceber essas complexidades e de se relacionar com essa dualidade arquetípica e a importância da perspectiva de completude da psiquê nas relações com os deuses.

Para concluir as ideias aqui tratadas, se fez realmente necessário avaliar quais autores e obras iriam contribuir para essa discussão até chegar a esse entendimento final; a escolha principalmente de Jung e Hillman e as suas obras aqui referenciados foi feita pois acreditou-se que seus pensamentos e indagações foram primordiais para relacionarmos a mitologia com a psicologia atual, em suas mais variadas vertentes.

Explicar as questões humanas é uma tentativa que percebemos ao longo desse estudo que vem desde a mitologia, suas figuras e personificações foram muito além de conceitos que tentaram explicar as questões ainda não respondidas no imaginário humano. Anaque, como representação da deusa da necessidade, continua a nos cobrar, e a deusa não faz questão de nos perdoar, pois se o fizesse, seu par, Chronos, deixaria de existir. Esse texto foi um convite para uma compreensão contemporânea de que nossa realidade atual nos conecta com raízes mitológicas. Uma vez que, na percepção da psicologia analítica junguiana, os arranjos arquetípicos dos quais nos valem surgem de um processo de despertar de sofrimentos e inquietações. E que estes são possíveis mesmo fora do meio de um processo terapêutico, visto que o sofrimento parte, sobretudo, de uma compreensão subjetiva e hermenêutica e que ele em si é uma tentativa de cura.

No caso do sofrimento neurótico, por exemplo, se nós simplesmente mascaramos os sintomas e levamos a vida como se nada estivesse acontecendo, negando que o tempo seja crucial para a solução do conflito interno, então nós empobrecemos a nós mesmos, perdendo informações cruciais que o próprio sofrimento nos confia. Com a perspectiva da cura, nós não devemos tentar nos livrar das neuroses, mas sim experimentar o que ela significa no aqui e agora. Tentar aprender o que ela tem a nos ensinar, qual é o seu propósito. Servir a ela, como se servem os deuses.

A partir da visão do tempo e da temporalidade, principalmente na concepção da psicologia analítica, nunca foi negado que o nosso sofrimento tenha começado na nossa infância, e em muitos livros ela ressalta a grande importância dos ciclos sociais e familiares no desenvolvimento do indivíduo, em seu desenvolvimento psicológico. Seu foco no presente foi o resultado da constatação de vários de seus teóricos, pois eles acreditavam que uma das causas que geravam os sintomas das neuroses era um conflitante meio de experimentar a vida em relação ao aqui e agora.

As imagens do momento não mentem, elas mostram a enfermidade humana. Ignoramos a necessidade e continuamos em frente, na competição que estrangula a compaixão. Ignoramos o tempo e vivemos automatizados, como robôs em fábricas, e muitas vezes não fazemos nada além de repetir determinadas funções. Pessoas que se dizem fortes e sábias vomitam regras, ficam presas em uma visão restrita e diminuta da vida. Todo desejo vira uma necessidade e o reflexo disso é uma humanidade que se vê no final dos tempos. O tempo cobra o seu preço no que se faz verdadeiramente necessário.

Portanto, este estudo concluiu que a relação de Ananke com a instrumentalização do tempo e seu sentido essencial e representativo acerca da necessidade, em paralelo à visão da psicologia arquetípica, auxilia para o entendimento do sofrimento psíquico na atualidade, trazendo benefícios em relação ao modo de lidar com as mais frequentes causas de sofrimento

atual. O sofrimento se faz necessário para que na constrição que é provindo do mesmo e a relação entre tempo e necessidade sejam instrumentos no qual se faça a possibilidade da energia libidinal fluir, e deste modo oportunizar a geração de consciência.

REFERÊNCIAS

AKUA, Amankwaah (2019) *Arquétipo das deusas – Qual deusa predomina em você?*

Disponível em <<https://interconexaoblog.wordpress.com/2018/04/13/arquetipos-das-deusas-qual-deusa-predomina-em-voce/>> Acesso em: 20 nov. 2019.

AT SMA, Aaron J. (2000) *Ananké*. Disponível em

<<https://www.theoi.com/Protogenos/Ananke.html>> Acesso em: 10 nov. 2019.

BARCELLOS, Gustavo (2008) *A alma do consumo*. Le Monde Diplomatique Brasil.

BARCELLOS, Gustavo. (2017) *Psique e imagem: estudos de psicologia arquetípica*.

Petrópolis, Vozes.

BRANDÃO, Junito S. (1986) *Mitologia Grega. Vol. I*. Petrópolis, Vozes.

BRYMAN, Alan. (1992) *Quantity and quality in social research*. London, Routledge.

BYINGTON, Carlos. A. B. (1987) *Arquétipo e patologia: introdução psicopatologia simbólica junguiana*. São Paulo, Linear B.

BYINGTON, Elisa. (1999) *O homem que leu a alma*. São Paulo, Revista Pública.

BOLEN, Jean S. (1990) *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo, Paulus.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A.; SILVA, Roberto da. (2007) *Metodologia científica*. São Paulo, Pearson Prentice Hall.

CHRISTOU, Marios. (2019) *Greek Mythology Explained*. Florida, Mango.

CÍCERO, Marco T. (2004) *Da natureza dos deuses*. São Paulo, Vega.

CONTRERA, Malena S. (2015) *A imagem simbólica na contemporaneidade*. Porto Alegre, UFRGS.

DAVIS, Jacqueline. (2014) *Viewing systematic reviews and meta-analysis in social research through different lenses*. SpringerPlus

ETMOLOGIA da palavra Ananke. (2019) *Educalingo*. Disponível em<

<https://educalingo.com/pt/dic-de/ananke>> Acesso em: 10 nov. 2019.

GAMBINI, Roberto. (2008) *A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas*. São Paulo, Ateliê Editorial.

HALL, Calvin S.; NORDBY, Vernon J. (2014) *Introdução à psicologia junguiana*. São Paulo, Cultrix.

HALL, James A. (1988) *A experiência junguiana: análise e individuação*. São Paulo, Cultrix.

HANNAH, Barbara. (2003) *Jung, vida e obra: uma memória biográfica*. Porto Alegre, Artmed.

HILLMAN, James. (1992) *Estudos de Psicologia arquetípica*. São Paulo, Cultrix.

HILLMAN, James. (1997) *Encarando os deuses*. São Paulo, Cultrix.

HILLMAN, James. (2010) *Re-vendo a psicologia*. Petrópolis, Vozes.

HILLMAN, James. (2019) *Uma investigação sobre a imagem*. Petrópolis, Vozes

JUNG, Carl G. (2013) *A natureza da Psique*. Petrópolis, Vozes.

JUNG, Carl G. (2013) *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Vozes.

JUNG, Carl G. (2013) *Aion – Estudos sobre o si mesmo*. Petrópolis, Vozes.

JUNG, Carl G. (2013) *A energia psíquica*. Petrópolis, Vozes

JUNG, Carl G. (2016) *Memórias Sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

KAST, Verena. (2013) *A dinâmica dos símbolos: fundamentos da psicoterapia junguiana*. Petrópolis, Vozes.

NAHAS, Eliane C. (2017) *Você conhece a deusa Ananke?* Dominique. Disponível em<
<https://dominique.com.br/voce-conhece-deusa-ananque>> Acesso em: 10 nov. 2019.

PADUA, Elisângela S. P; SERBENA, Carlos Augusto. (2018) *Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica*. Boletim-Academia Paulista de Psicologia.

PEDRAZA, Rafael L. (1999) *Hermes e seus filhos*. Brasil, Paulus.

SANT'ANNA, Paulo A. (2019) *Arquétipo, individuação e intersubjetividade: a dimensão psicossocial do sofrimento humano*. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais.

SERBENA, Carlos Augusto. (2010) *Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica*. Revista da Abordagem Gestáltica: Estudo Fenomenológicos.

STEIN, Murray. (2006) *O mapa da alma*. São Paulo, Cultrix.

SHAMDASANI, Sonu. (2006) *Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência*. 1. Aparecida, Ideias e Letras.

VERGARA, Sylvia C. (1998) *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. São Paulo, Atlas.

ZANELLA, Cleunice. (2009) *Metodologia de estudo de pesquisa em administração*. Fascículo de Metodologia Científica, Florianópolis, UFSC/MEC/CAPES/PNAP.

ZANONI, Ana Paula.; SERBENA, Carlos Augusto. (2011) *A psicopatologia como uma experiência da alma*. Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental, v. 14, n. 3, p. 485-498.